

APRESENTAÇÃO

Quando vista como um lugar de reprodução social e luta, a língua não pode ser imaginada como unificada.

Mary Louise Pratt

Por manterem a mente cravada em seus próprios rastros, os brancos ignoram os dizeres distantes de outras gentes e lugares.

Davi Kopenawa

E logo adiante da fronteira entre "nós" e os "outros" está o perigoso território do não-pertencer [...] como refugiados e pessoas deslocadas.

Edward Said

Os artigos que compõem este volume de *Trabalhos em Linguística Aplicada* são fundamentalmente políticos. Tratam de planejamentos linguísticos, implementação de políticas de letramentos, modelos de ensino pró-emancipação de povos indígenas, experiências de exílio, temáticas de gênero e negritude em um Brasil visto de fora, formas de escrita em língua estrangeira. Cada um à sua maneira apresenta-se como uma forma de resistência – dos habitantes de fronteiras, indígenas, iletrados, exilados, negros, mulheres – à perda de seus poucos poderes e como novas formas de relacionamento com os saberes que circulam em cada grupo.

Karen Kennia Couto Silva, da Universidade Federal de Minas Gerais, analisa os processos históricos e culturais que embasam tanto os atos oficiais quanto as atitudes dos falantes e suas práticas com relação às línguas faladas na região que habitam. O artigo *A política linguística na região fronteira Brasil-Guiana Francesa: panorama e contradições* revela, no rigor de seu percurso, a dificuldade de promover mudanças, o favorecimento do ensino do inglês em uma região francófona, a prevalência da visão monolíngue da língua no Brasil, a carência de políticas linguísticas oficiais adequadas a esse contexto de fronteira.

A UNESCO comemorou, em 2016, os 50 anos do Dia Internacional do Letramento. No artigo *A oferta do letramento e a garantia de futuros sociais: análise das políticas de letramento da UNESCO e de suas ideologias linguísticas*, Marcelo Sousa Santos, da Universidade Federal do Rio de Janeiro e da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal, busca no infográfico comemorativo do evento as concepções de letramentos e as ideologias linguísticas que lhes são afins. A análise minuciosa dos aspectos gráficos ilustrativos e informativos propõe uma leitura que subverte a ordem 'imposta' pelo design do infográfico e a sugestão da UNESCO de que os letramentos garantem futuros sociais.

A leitura de *Interculturalidade, letramento e alternância como fundamentos para a educação indígena*, de Flávia Marinho Lisbôa, da Universidade Federal Rural da Amazônia e da Universidade Federal do Pará, tem início com as disputas territoriais nas regiões sul e sudeste do Pará, que colocam os povos indígenas em permanente posição de defesa. O desafio é pensar o ensino bilíngue na região, de forma a valorizar as línguas indígenas, seus falantes e suas formas de vida. A autora postula um modelo de letramento considerando as práticas dos alunos, seus tempos e sua emancipação. Que as palavras de Davi Kopenawa sobre as leis dos brancos desenhadas em peles de papel nos sirvam de alerta – *Na verdade, eles só escutam as palavras da mercadoria!* – e possamos escutar as narrativas desses grupos a partir de suas próprias vivências.

Em suas *reflexões sobre o exílio*, Edward Said fala de não se sentir à vontade nem no árabe nem no inglês, línguas que nele se misturam e que trazem os ecos uma da outra. *Escritoras em exílio de língua: notas de uma correspondência* fia-se na trama das cartas trocadas por Nancy Huston e Leila Sebbar para descobrir nelas o que se projeta como desafio de escrever na língua da outra. Nos rastros dessa correspondência, Maria Angélica Deângeli e Gabriela Oliveira, ambas da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", esboçam com singular delicadeza a condição feminina inscrita nessas identidades em devir na combinação exílio-escrita-terra.

Com o artigo *Literatura afro-brasileira rompendo barreiras através da tradução: algumas considerações sobre a recepção de Ponciá Vicêncio na França*, Marcela Iochem Valente, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, e Teresa Dias Carneiro, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, brindam-nos com mais uma *escrevivência afrofeminina* de Conceição Evaristo. Se, por um lado, na tradução de Patrick Louis e Paula Anacaona, Evaristo ultrapassa barreiras e dá voz a grupos marginalizados por nossa sociedade; por outro lado, observam criticamente as autoras, o romance se divulga no site da editora com chaves de leitura redutoras, reforçando a necessidade de trabalhar essas formas de recepção de nossas literaturas.

Elizabeth Villarreal, da Universidad Libre, Colômbia, e Freiderikos Valetopoulos, da Universidade de Poitiers, na França, propõem, em *O escritor intermediário: uma nova abordagem de um tipo de escritor*, um processo de escrita capaz de não só produzir novos conhecimentos, mas também de atender a necessidades dos estudantes colombianos de FLE (francês como língua estrangeira). Para os autores, o bom uso da língua não garante um bom nível de escrita, que exige ainda outras estratégias, uma espécie de trabalho de *vai-e-vem* como escrever rascunhos, revisar ideias, reestruturar o texto. A pesquisa buscou maneiras de aperfeiçoar a escrita desses estudantes, denominados *escritores intermediários*, posto que adultos, maduros, mas ainda carecendo de mais exposição a produções de textos.

Fazendo eco às palavras de Mary Louise Pratt, que nos sirva de perspectiva o que ela nomeia *linguística de contato*, “uma linguística que colocasse no seu centro os trabalhos de linguagem através, e não dentro dos limites, das linhas de diferenciação social de classe, raça, gênero, idade”.

Viviane Veras
Daniela Palma